

## TEXTO DIDÁTICO

# Análise de Discurso Poético: Uma Leitura Comportamental da Música *Vambora* de Adriana Calcanhotto

NEAC-ES<sup>1</sup>

2008/1

*Filipe Moreira Vasconcelos*<sup>2</sup>

Talvez seja estranho, para alguns, notarem que uma ciência do comportamento, mais precisamente a sustentada pelo *Behaviorismo Radical*, ultrapasse sua arquitetura laboratorial cotidiana e venha se inserir no campo das líricas, dos poemas, do teatro e da subjetividade dos poetas. Essa estranheza, quem sabe, pode advir de questões um tanto complicadas, tais como “*Uma ciência do comportamento pode analisar a complexidade criativa dos grandes poetas?*” ou, e essa talvez seja mais imponente, “*Uma ciência do comportamento necessita realizar tais análises?*”.

Longe de querer responder a tais questionamentos ou tentar persuadir o leitor acerca do ponto de vista analítico-comportamental, o presente texto tem como objetivo uma única premissa, que é a elaboração de um instrumento didático para o estudante de psicologia *iniciante* nesta área. Sendo assim, visa-se aqui unicamente uma explanação simples, e até mesmo tímida, de como certos princípios da Análise do Comportamento podem vir a contribuir na análise do discurso poético. A abordagem dos questionamentos acima é trabalhada em outros textos, mesmo porque, carece de um espaço maior do que o que aqui foi reservado.

Um ponto importante a se ressaltar é o caráter pretensioso (senão precipitado) de se analisar o conteúdo verbal que é a letra de uma música. Uma análise comportamental é complexa

mesmo quando o indivíduo que terá seu comportamento analisado estiver presente, colaborando na análise. Entretanto, quando temos acesso apenas a breves descrições de acontecimentos, como em uma composição musical, nossa análise fica ainda mais imprecisa, carecendo de esclarecimentos e sujeita a erros expressivos.

Mas, mesmo reconhecendo as dificuldades de uma análise como essa, faz-se aqui uma leitura comportamental da música *Vambora*, da cantora Adriana Calcanhotto. A escolha por esta música foi por simples critério de didática para a aplicação dos conceitos e também pelo efeito positivo que a música causa sobre o comportamento do autor deste texto. Iremos abordá-la, então, sob dois focos de análise: o primeiro foco é o aspecto **funcional** (restrito à primeira estrofe) e o outro o aspecto **emocional** (restrito à segunda estrofe) que a personagem da música parece apresentar.

Antes de qualquer análise, vamos à letra da música:

Entre por esta porta agora  
Diga que me adora  
Você tem meia hora  
Prá mudar a minha vida  
Vem, vambora  
Que o que você demora  
É o que o tempo leva...

Ainda tem o seu perfume pela casa  
Ainda tem você, na sala  
Porque meu coração dispara  
Quando tem o seu cheiro  
Dentro de um livro  
Dentro da noite veloz  
Nas cinzas das horas

<sup>1</sup> Núcleo de Estudos em Análise do Comportamento – Espírito Santo [vide referência no final do texto].

<sup>2</sup> Então graduando do curso de psicologia do 9º período do Centro Universitário de Vila Velha. Contato: as\_felipemv@yahoo.com.br.

## Análise do Aspecto Funcional

Anterior a qualquer Análise Funcional, cabe-se aqui explicitar para o leitor que está começando a se aventurar por essa área, o que esse termo significa e como ele é aplicado pelos analistas do comportamento.

A palavra *análise* vem do grego (*análisis*) e quer dizer *decomposição*. Para os analistas do comportamento, *analisar* significa elucidar conexões entre aspectos do ambiente que influenciam aspectos do comportamento. Por exemplo, se dissermos que o comportamento de Romeu de dizer “*Boa noite! Boa noite! A despedida é uma dor tão doce que queria dizer ‘Boa noite’ até que o dia chegasse*” fosse influenciado pela presença de Julieta, estaríamos fazendo uma análise. Neste caso, estaríamos observando que a presença de Julieta (um aspecto do ambiente) ocasiona a situação para que o comportamento verbal de Romeu ocorra. Veja que aqui estamos decompondo a relação entre os dois personagens da história. Um outro exemplo seria o seguinte, imagine um rapaz apaixonado que leva flores à sua namorada e esta então lhe decorre beijos e palavras amorosas. Se o leitor, ao imaginar este acontecimento, concluiu que o rapaz com flores é uma ocasião para que a namorada lhe dê beijos e diga palavras amorosas, pode-se dizer que conseguiu realizar uma *análise*. Os analistas do comportamento utilizam-se de interpretações como essa para investigar como determinados eventos contribuem para que as pessoas se comportem de maneiras diferentes.

Já a palavra *função* apresenta uma conotação diferente. Essa palavra foi muito utilizada pela ciência biológica, quando abordava questões referentes à *função* dos órgãos vitais e também pela ciência matemática, que investigava como uma variável Y se modifica, ou seja, é *função* da variável X.

Pois bem, na psicologia comportamental esse termo (*função*) tem atribuições relativamente diferentes, advindas, conquanto, de um físico e epistemólogo importante chamado Ernest Mach. Para ele, *a completa definição de um evento deve incluir a descrição de sua relação funcional com os eventos antecedentes* (Micheletto, 2000). Trazendo a afirmação de Mach para o campo

comportamental, podemos apontar que para definirmos o comportamento não podemos, simplesmente, observar como o indivíduo age, mas devemos notar todo o contexto que o envolve e os eventos ambientais que estão presentes. Não adiantaria muito sabermos que uma pessoa disse “*Eu te amo*” se não tivermos informações de quando e para quem ela disse essas palavras, ou seja, para que nossa análise seja eficiente, não podemos considerar somente o comportamento, mas sim todo o arranjo contextual que o precede.

Essa noção de relação funcional veio, então, como uma alternativa incisiva contra a compreensão mecanicista tanto defendida por alguns pensadores, inclusive psicólogos. Mais precisamente, podemos dizer que ela contribuiu para que as análises acerca de como o ambiente influencia o comportamento viessem a ser mais flexíveis, maleáveis, distintamente da velha compreensão mecânica e rígida que era sustentada anteriormente.

O termo *análise funcional* foi então adotado por B. F. Skinner, propositor do Behaviorismo Radical. Preocupado em construir uma ciência que buscasse compreender a complexidade humana, Skinner passou a pensar sobre o comportamento sem reduzi-lo a simples relações de estímulo – resposta e, para tanto, muniu-se do termo *análise funcional* como um instrumento importante na investigação das variáveis das quais o comportamento é função, ou seja, das variáveis pelas quais ele é influenciado.

Dentro deste contexto, podemos didaticamente dizer que *função* trata de uma relação de dependência entre eventos do ambiente sobre aspectos do comportamento (Costa, 2005). Recorrendo ao exemplo dado acima, podemos dizer que o comportamento de dar flores, emitido pelo rapaz, depende (é função) da presença de sua namorada, ou seja, ela é parte de seu ambiente e assim o influencia. Perceba também, que a presença da namorada não *causa* o comportamento de dar flores, mas sim que altera a probabilidade desse comportamento ocorrer.

Após termos visto brevemente o que é uma **Análise Funcional**, podemos então relacionar esse termo à música *Vambora* de Adriana Calcanhotto. Inevitavelmente faremos suposições, criaremos hipóteses acerca das variáveis das quais o

comportamento da personagem é função, isso ocorre devido ao fato de ela não dar descrições mais apuradas sobre os eventos que tendem a lhe influenciar e faz parte também do caráter investigativo que é a elaboração de uma análise funcional.

Sendo assim, as frases da música estarão enumeradas para facilitar nossa investigação.

Relembrando-as:

1. Entre por esta porta agora
2. Diga que me adora
3. Você tem meia hora
4. Prá mudar a minha vida
5. Vem, vambora
6. Que o que você demora
7. É o que o tempo leva...

O primeiro passo na análise desta música é decompô-la. Portanto, vamos por partes, sempre partindo do simples para o mais complexo. Afinal, a complexidade possui particularidades importantes que devem ser compreendidas separadamente.

Analisemos então, a frase número 1 (*Entre por esta porta agora*). Algumas suposições podem ser feitas sobre essa frase. A primeira é a de que a personagem parece estar em um ambiente fechado, quem sabe uma sala ou um quarto, e que possivelmente a pessoa a qual ela se refere já estivera por lá, e estaria, neste caso, sendo requisitada a retornar. A segunda é a de que a personagem realiza um *mando*, ou seja, ela emite um comportamento verbal que está sob influência de um estado de privação característico daquela pessoa que não tem acesso a um evento específico, neste caso, a presença do suposto amado. Para esclarecer melhor, precisamos simplesmente atentar para o fato de que certamente o comportamento verbal por ela apresentado não ocorreria caso seu amado estivesse presente<sup>3</sup>, o que nos faz pensar que a ausência dele é um fator influente para que esse comportamento tenha ocorrido. Exemplificando, não pedimos água quando temos acesso a ela, mas somente quando estamos privados dela ou quando ela não está presente. Algo semelhante ocorre com carinho,

<sup>3</sup> Estar presente aqui não significa apenas a presença física do amado, mas toda a sua correspondência aos desejos da personagem.

afeto e atenção, onde pedimos a presença de alguém quando nos sentimos tristes ou solitários.

Em conjunto com a frase 2 (*Diga que me adora*), podemos supor que a personagem carece do amor da pessoa a qual se refere e, novamente, revemos o estado de privação citado acima, em que a personagem parece necessitar de certos efeitos que os comportamentos do outro acarretam sobre ela. Logo, afirmaríamos também que há uma história de vida compartilhada entre a personagem e seu amado, e a função dos comportamentos verbais que ela tem emitido são, na verdade, uma tentativa de adquirir novamente esses efeitos que só a presença dele provoca.

Em conjugação às frases 3 e 4 (respectivamente, *Você tem meia hora, prá mudar a minha vida*), poderíamos inferir que a personagem carece unicamente do outro para que certos aspectos de sua vida se modifique e que, nesse sentido, essa mudança seria então positiva, tendo, por conseguinte, uma necessidade apressada de ser realizada. Ao que parece, a função do comportamento verbal por ela apresentado até agora seria não só o produto de um estado de privação ocasionado pela ausência da pessoa amada, mas também pela extinção de comportamentos que anteriormente adquiriram a presença dessa pessoa, como por exemplo, cortejá-la (e ela não mais corresponder), marcar encontros (e agora ela não mais comparecer), ligar para ela (e ela não mais atender aos telefonemas). Note que, neste caso, *extinção* diz respeito a comportamentos que, após serem emitidos, deixaram de adquirir as conseqüências que anteriormente adquiriam.

No que diz respeito às frases 5, 6 e 7 (diz-se, *Vem, vambora, que o que você demora é o que o tempo leva..*) a personagem não é muito clara e utiliza-se de uma argumentação abstrata, carecendo, portanto, de uma análise mais complexa que ultrapassa o pressuposto deste texto. Entretanto, se analisarmos em consonância com as outras frases da música, quem sabe possamos realizar alguns apontamentos. Talvez, e agora extrapolando os vieses de nossa análise, a personagem não venha a apresentar muitas resistências a se entregar a seu amado, caso este, venha a seu encontro e corresponda às suas reivindicações. Nesses versos ela novamente

sinaliza que a presença do outro é fator imprescindível para a mudança de seus sentimentos, emoções e pensamentos. Ao mesmo tempo, ela nos deixa a entender que aguarda com que o outro se comporte em relação a ela, esperando assim, que ele a procure e então realize todas as suas reclamações.

É de se notar que nessa estrofe a personagem parece estar também sob influência de uma estimulação desprazerosa, aversiva. Como seu amado não está mais presente, qualquer evento que lhe faça lembrar dele pode, neste momento, assumir um caráter aversivo, já que foram, todos eles, acompanhados com sua presença e sinalizam para ela que ele agora não mais participa do seu cotidiano. Por exemplo, os cômodos de sua casa (os quartos e a sala onde vivenciaram momentos prazerosos), os objetos (que estavam presentes e compartilharam cada um, de momentos específicos). Talvez para a personagem as coisas agora estejam sem “sentido”, perderam seus “valores”, tornaram-se “vazias”, ao passo que o que antes precedia a presença do seu amado agora sinaliza sua falta.

Por fim, após trabalharmos de maneira hipotética o aspecto *funcional* na primeira estrofe da música, podemos igualmente realizar uma análise do aspecto *emocional* na segunda estrofe da mesma.

### Análise do aspecto emocional

Para realizarmos uma análise do aspecto emocional precisamos, antes, compreender um pouco sobre como os Analistas do Comportamento abordam os fenômenos emocionais. Para tanto, devemos inicialmente entender o que são comportamentos *respondentes* ou *reflexos*.

Quando nos enrubescemos, suamos, lacrimejamos e salivamos estamos apresentando um tipo de comportamento considerado respondente ou reflexo. Esse tipo de comportamento é muitas vezes avaliado como involuntário, pelo fato de que ocorre sem que possamos contê-los, evitá-los, e que muitas vezes acabam por atrapalhar o nosso desempenho desejado. Imagine, por exemplo, uma situação em que um jovem planeja pedir em namoro uma senhorita. Ele, solitariamente, organiza um discurso

bonito e arquiteta uma gesticulação gentil, uma forma de falar atraente para encantar a moça. Mas, quando depara-se com ela embaraça-se todo, tem um nó na garganta, seu coração bate mais forte e no final das contas acaba por não dizer nada, não fazer nada e nem sequer responder aos questionamentos dela sobre sua envergonhada palidez. Neste caso, podemos observar que existem comportamentos que “fogem” do nosso controle, que ocorrem independentemente de nossa “vontade”. Esses comportamentos são muitas vezes chamados de *respondentes*, porque eles respondem fidedignamente a um estímulo, ou seja, a uma estimulação. Sendo assim, sempre que tivermos um estímulo *específico* gerando uma resposta *característica* estamos tratando de comportamentos respondentes ou reflexos.

Os comportamentos respondentes envolvem sempre relações entre um estímulo (eliciador) e uma resposta (eliciada). Quando lançamos luz (estímulo eliciador) em nossas pupilas elas tendem a se contrair (resposta eliciada), quando há aumento de temperatura (estímulo eliciador) tendemos a suar (resposta eliciada). Portanto, comportamentos respondentes envolvem relações de causa e efeito, onde a causa é sempre um estímulo que provoca uma resposta, efeito.

É importante saber também que esses comportamentos possuem significados evolutivos, já que foram importantes para a sobrevivência de algumas espécies. Os filhotes de macacos, por exemplo, tendem a fechar suas mãos quando elas são tocadas, isso contribui para que eles se agarrem aos pelos de suas mães enquanto elas se movimentam por entre as árvores. Se repararmos, os humanos herdaram em parte esse comportamento, já que bebês recém nascidos fazem o mesmo quando as palmas de suas mãos são estimuladas (Catania, 1999).

Ao que foi dito até agora, sabe-se que o comportamento respondente precisa de um estímulo eliciador para ocorrer, entretanto, devemos ressaltar que alguns estímulos, considerados **neutros**, quando apresentados com tais eliciadores, tendem também a assumir influência sobre o comportamento. Neste caso, estaríamos tratando de *condicionamento* respondente. Para clarificar melhor essa idéia,

devemos conhecer um pouco sobre alguns conceitos básicos da Análise do Comportamento.

Quando falamos de estímulo *eliciador* estamos tratando de um tipo de estímulo que, quando apresentado, causa uma resposta fixa em nosso organismo. Por exemplo, a presença de gotas de limão em contato com nossa língua gera uma resposta de salivação, a redução da temperatura ambiental nos faz tremer, a presença de açúcar no intestino provoca a liberação de insulina pelo pâncreas e assim vai. Como esse tipo de estímulo (eliciador) causa seguramente uma resposta, sempre que falarmos dele estaremos abordando o comportamento respondente ou reflexo.

Esses estímulos eliciadores podem ser *incondicionados* ou *condicionados*. Os eliciadores incondicionados são assim chamados pois eles assumem influência sobre o organismo independentemente de sua história de vida, ou seja, de maneira independente de aprendizagem. Não precisamos aprender a contrair a pupila quando a luz é apresentada, nem a salivar quando nos deparamos com alimentos. Todavia, os eliciadores condicionados, esses sim, necessitam serem aprendidos. O estímulo eliciador condicionado só passa a estimular o organismo se, e somente se, ele tiver sido pareado<sup>4</sup> com um estímulo eliciador incondicionado. Quando estamos com fome em um restaurante, a simples apresentação dos pratos e talheres já podem ser responsáveis por gerarem em nós a resposta de salivação, simplesmente pelo fato de que esses objetos anteriormente precederam a apresentação de alimento. Uma criança pode sentir pavor ao ver seringas em um hospital, simplesmente pelo fato de que estas anteriormente precederam uma estimulação dolorosa, no caso, a agulha penetrando a pela.

De acordo com os analistas do comportamento, para que um fenômeno emocional aconteça é preciso que haja comportamentos respondentes e verbais envolvidos. A criança citada acima, por exemplo, quando vê a seringa não só passa a apresentar aumento de batimento cardíaco, sudorese, tremor

etc., mas também a dizer que está sentindo *medo*, que não *gosta* de hospital, que quer ir embora, e provavelmente emitirá qualquer comportamento que evite a apresentação das referidas injeções ou objetos semelhantes.

Portanto, quando se trata de emoção não ocorrem apenas comportamentos respondentes ou reflexos, mas também comportamentos verbais, onde o indivíduo fala sobre o que está ocorrendo em seu corpo, e é através desse relato que ele informa sobre o que está sentindo. Quando alguém briga conosco tendemos a dizer que estamos *tristes*, quando alguém nos dá carinho amoroso tendemos a dizer que estamos *apaixonados*, quando fazemos algo que não dá certo tendemos a dizer que estamos *arrependidos* e assim vai. Perceba que, após experienciarmos algo tendemos a relatar esse algo. Quando percebemos uma experiência corporal tendemos a nomeá-la. O sentir esse corpo e o nomeá-lo constituem o que os analistas do comportamento chamam de **fenômeno emocional**<sup>5</sup>.

Tendo visto brevemente o que é um fenômeno emocional na psicologia comportamental, podemos retomar nossas análises acerca da música *Vambora*.

Relembremos então a segunda estrofe da mesma:

Ainda tem o seu perfume pela casa  
Ainda tem você, na sala  
Porque meu coração dispara  
Quando tem o seu cheiro  
Dentro de um livro  
Dentro da noite veloz  
Nas cinzas das horas

Nesta parte da música podemos perceber que a personagem dá alguns indícios sobre sua história de vida que são importantes para nossa análise. E talvez o mais importante deles esteja na frase "*Porque meu coração **dispara** quando tem o seu **cheiro** dentro de um livro*". Note que nesta frase as palavras que estão em negrito correspondem respectivamente a uma resposta e a

<sup>4</sup> Parear aqui tem o sentido de apresentar o incondicionado logo após ou juntamente com o estímulo neutro, justamente para que este passe a assumir também influência sobre o organismo.

<sup>5</sup> Deve-se ressaltar que, pelo caráter didático, o presente texto conceitua de maneira muito superficial a verdadeira proposta da análise comportamental sobre fenômenos emocionais.

um estímulo eliciador. Quando a personagem diz que seu coração *dispara*, ela nos informa não só que está apresentando um tipo de comportamento respondente ou reflexo, mas também qual é o estímulo responsável pela ocorrência dessa resposta, no caso, o *cheiro*.

Se o leitor se lembrar dos princípios básicos citados acima, perceberá que o cheiro relatado pela personagem há que ser um estímulo eliciador condicionado, ou seja, aprendido. Isso se deve ao fato de que provavelmente o perfume usado pelo amado da personagem precedeu ou acompanhou alguns estímulos eliciadores incondicionados (carinho, afeto, sexo etc.). Sendo assim, cabe apontar que a personagem da música passou por um processo de condicionamento respondente, e que parte do que ela sente agora é efeito de sua particular história de vida.

O perfume do amado na casa da personagem pode não somente eliciar aumento em seu batimento cardíaco (fazer seu coração disparar), mas também fazer com que ela se *lembra* da presença dele, que ela sinta *saudades* dessa presença, que ela *pense* nele, que *imagine-o* em sua casa e faça-a emitir qualquer comportamento para reaver sua presença. Portanto, não se trata apenas de um estímulo eliciando uma resposta, mas de aspectos do ambiente modificando classes de comportamentos, como o *pensar*, o *sentir*, o *lembrar*, o *imaginar* e assim vai.

### Considerações finais

Provavelmente o leitor, em algum momento do texto, tenha chegado a conclusões diferentes ou até mesmo discordado das que foram propostas. Talvez isso tenha ocorrido por um motivo principal. Seja ele o fato de que o leitor e o autor passaram por histórias de vida bem diferentes, foram expostos a ambientes variados e diante da estimulação verbal da música passam a apresentar comportamentos para analisar relativamente distintos.

No entanto, quem sabe a premissa maior que se deve tirar do presente texto, mesmo ele tendo seu caráter introdutório, é o respeito que os Analistas do Comportamento dão às particularidades de cada indivíduo. Cada ser –

humano se insere em contextos diferentes, mesmo que para nós pareçam visualmente iguais. O perfume que tanto provoca certos comportamentos na personagem, possivelmente de nada influenciaria em outras pessoas, pelo simples fato de que a história de vida de cada uma delas é *diferente*. Não devemos julgar o que o outro gosta ou sente enquanto ruim, negativo, inútil ou desnecessário. Seria o mesmo que dizer para a personagem da música que o que ela sente é *bobagem* e que essa história de perfume *não faz sentido algum*. Cada sujeito tem sua particularidade, porque seus comportamentos apresentaram conseqüências diferentes e seu corpo submeteu-se a estimulações intrínsecas. Na Análise do Comportamento, portanto, o respeito à subjetividade e singularidade de cada um passa a ser algo inquestionável.

### Referências:

Catania, A. C. (1999). **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. Porto Alegre: Artmed.

Costa, N. (2005). Contribuições da Psicologia Evolutiva e da Análise do Comportamento acerca do ciúme. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, Vol. VII.

Micheletto, N. (2000). Bases Filosóficas da Noção de Relação Funcional. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 2, n. 2, p. 115-121.

Rozakis, L. (2002). **Tudo sobre Shakespeare**. São Paulo: Manole.

### Sobre o NEAC:

É um grupo de estudos sem vínculo institucional, composto majoritariamente por alunos de graduação e pós-graduação em Psicologia e agrega estudantes de várias instituições de ensino superior de Vitória (ES). Como um grupo autônomo, o NEAC possui agenda e produção independentes e um conselho consultivo de professores e alunos de pós-graduação que analisam os textos redigidos. Visite também: [www.neaces.wordpress.com](http://www.neaces.wordpress.com)